

IDADES, GÉNERO E IGUALDADE

Teresa Pinto

CEMRI, Universidade Aberta e APEM

O projecto dMpM da RPJIOMH suscitou-me algumas reflexões sobre a não neutralidade do critério “idade”, em particular no que se refere às mulheres. Em cada época histórica e em cada contexto cultural a sociedade utiliza valores e estereótipos distintos para classificar as mulheres de acordo com o seu grupo etário, a sua classe social, a sua pertença étnico-cultural, etc. e, portanto, para construir as relações de género.

A idade atravessa e é, simultaneamente, atravessada por contextos culturais, estratos sociais, grupos profissionais e outros. Tomemos, por exemplo, as mulheres de idade mais avançada. Estas têm sido objecto de distintos olhares ao longo da história. Têm sido olhadas tanto com respeito, pelo seu saber e experiência, como com temor, porque vistas como transgressoras das normas socialmente impostas às mulheres (caso das bruxas), ou com desagrado, pelos efeitos da idade na sua aparência física. Todas estas percepções são o resultado de construções socioculturais.

A idade também influi na aquisição e conceptualização dos estereótipos de género. Algumas investigações, (e.g. Ana García-Mina Freire, 2002) têm evidenciado que as e os estudantes percebem os estereótipos associados à feminidade e à masculinidade de forma mais clara e rígida do que a

população adulta, isto é, raparigas e rapazes têm modelos muito diferenciados e polarizados de masculinidade e de feminidade, enquanto que na idade adulta os estereótipos parecem começar a flexibilizar-se e a perder importância na vida das pessoas. A investigação de Cristina Vieira (2006) sobre género e educação em contexto familiar aponta no mesmo sentido ao revelar que os sinais de mudança nas gerações mais novas, no que respeita à igualdade de mulheres e homens, não são congruentes, ou seja, os dados empíricos mostram que são frequentemente as gerações mais novas as mais conservadoras nas suas representações e práticas. A autora refere também que “a crescente complexidade cognitiva e o alcance de um pensamento, primeiro concreto e, depois, formal são aquisições que capacitam os rapazes e as raparigas para relativizar, de forma progressiva, as suas crenças acerca dos homens e das mulheres” (p.357), o que significa que a idade é um factor significativo no esbatimento das fronteiras rígidas que conformam as concepções dicotómicas.

Neste contexto, poderão perceber a relevância que atribuo à metodologia da mentoria usada no projecto dMpM, promovido pela Rede de Jovens, pelo seu carácter inovador e pelo potencial que o diálogo inter-geracional encerra.

Pareceu-me interessante convocar aqui o testemunho de uma jovem investigadora espanhola, participante numa mesa redonda realizada em Madrid, em 2001, no âmbito de um seminário dedicado, exactamente, às Idades das Mulheres. Itziar Lago Delgado inicia a sua intervenção da seguinte forma (e perdoar-me-ão a longa citação em tradução livre):

“Vinte e seis anos, casada, mãe de duas filhas, sem estudos superiores, trabalho estável, casa própria, independência económica.

Vinte e seis anos, solteira, sem filhos, estudos superiores, bolsista de investigação a realizar doutoramento, vive em casa dos pais, sem independência económica.

Apenas vinte e seis anos separam estas duas realidades. A minha mãe e a sua geração foram jovens independentes, jovens trabalhadoras, jovens esposas, jovens mães, não conheceram um fenómeno, o da «adolescência tardia», no qual eu e a minha geração estamos imersas. As condições socioeconómicas e os avanços científicos e tecnológicos que protagonizam a transição de um século para outro propiciaram o aparecimento desse fenómeno tão complexo. O prolongamento dos anos de estudo, a instabilidade do emprego, a necessidade de retardar a independência económica e a permanência prolongada no lar familiar são os principais aspectos que definem essa geração de adolescentes tardios entre 24 e 30 anos na qual me incluo” (LADO DELGADO, 2002: 475).

A questão colocada por esta jovem remete-me para a necessidade de questionar, de diferentes pontos de vista teóricos e epistemológicos, e de aprofundar, com base em novas metodologias, a personagem da rapariga no contexto das grandes correntes de investigação. Estou a referir-me a um novo domínio de investigação, o dos Estudos sobre as Raparigas, o do *Girl's Studies*, que analise a imagem cultural da adolescente, como construção sócio-semiótica, porque portadora de sentido e capaz de produzir e de reproduzir a nossa identidade subjectiva. Não estou a apresentar uma proposta nova. Em 1992, realizou-se, nas duas universidades de Amesterdão, o 1º Colóquio Internacional sobre Estudos sobre as Raparigas, o qual reuniu

200 investigadoras/es de todo o mundo (RAS, 1996). Evidenciou-se, então, a importância de discutir as políticas sociais e as estratégias ideológicas que definem as raparigas e o seu lugar na sociedade. Esta questão é tanto mais pertinente quanto, na sociedade actual, o facto da opinião pública sublinhar determinados problemas, como a violência doméstica, o incesto ou o desemprego, por exemplo, conduzir a que se olhe a existência das raparigas só através desses problemas. Regresso, mais uma vez, ao projecto dMpM para sublinhar, também neste contexto, o potencial da metodologia de mentoria que sustenta este projecto.

Antes de terminar, gostaria de referir que, apesar da experiência de ensino misto, vivida pelas gerações mais jovens, e do pressuposto teórico de igualdade que lhe subjaz, a educação formal em contexto escolar, bem como a educação informal, recebida desde a infância, não só em contexto familiar, mas também através da linguagem, dos meios de comunicação social, da publicidade, etc., continuam a perpetuar estereótipos de género. Estes discriminam, de forma explícita e/ou subtil as raparigas e as mulheres, quer como colectivo, quer como indivíduos e constroem as opções que aquelas fazem ao longo da vida, nas distintas idades, gerando processos cumulativos de défice de cidadania.

Para concluir e face ao que expus, considero fundamental a concertação de iniciativas: mais investigação, designadamente investigação específica sobre as raparigas; projectos em matéria de género e educação – e destaco o papel da CIG pelo pioneirismo e continuidade do trabalho desenvolvido nesta área,

nomeadamente pela qualidade e pertinência dos materiais que tem gerado (mais recentemente a produção de um Guia de Educação em Género e Cidadania para o pré-escolar e o 3º ciclo do ensino básico e a publicação de guias sobre a linguagem, da autoria de Graça Abranches, sobre o desporto na escola, da autoria da Associação Portuguesa Mulher e Desporto, e sobre a avaliação de materiais pedagógicos, da autoria de Teresa Alvarez – e projectos dirigidos especificamente a jovens, como os que a REDE tem desenvolvido, quer de formação entre pares, junto de associações juvenis, quer o projecto dMpM, o qual, através do estímulo às relações inter-geracionais, se torna um projecto formativo não só para as mentoradas como também para as mentoras. Devo, ainda, referir a excelente qualidade dos produtos gerados até ao momento por este projecto e a boa recepção que têm tido aquém e além fronteiras.

Uma última palavra, enquanto Presidente da APEM, para expressar o orgulho que temos em ser parceiras da REDE no projecto dMpM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANCHES, Graça (2009), *Guia para uma linguagem promotora da igualdade entre mulheres e homens na administração pública*, Lisboa, CIG.
- AMÂNCIO, Lúcia (1999), “Género e educação em Portugal: mitos e realidades”, in NETO, Féliz et al. (org.), *Igualdade de oportunidades. Género e educação*, Lisboa, UA, pp. 195-207.
- ARAÚJO, Helena Costa, HENRIQUES, Fernanda (2000), “Política para a Igualdade entre os sexos em Educação em Portugal. Uma aparência de realidade”, *ex aequo*, nº 2/3, pp. 141-151.
- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA MULHERES E DESPORTO (2009), *Desporto na escola. Educando para a igualdade*, Lisboa, CIG.
- GARCÍA-MINA Freire, Ana (2002), “La influencia de la edad en la percepción de los estereótipos de rol de género”, in PÉREZ CANTO, Pilar, ORTEGA LÓPEZ, Margarita

- (Eds.), *Las edades de las mujeres*, Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, pp. 421-441.
- HOUËL, Annik (1999), "Contextes scolaires et problématique de genre: les enjeux de la mixité", in AAVV, *Coeducação: do Princípio ao Desenvolvimento de uma Prática. Actas do Seminário Internacional*, Lisboa, CIDM, pp. 75-82.
- LADO DELGADO, Itziar (2002), "La edad vivida. Mujeres jóvenes", in PÉREZ CANTO, Pilar, ORTEGA LÓPEZ, Margarita (Eds.), *Las edades de las mujeres*, Madrid, Ed. Universidad Autónoma de Madrid, pp. 475-476.
- MITRANI, Monique, COURAUD, Geneviève (2000), *A partir de la mixité à l'école, construire l'égalité*, Paris, Conseil Economique et Social.
- MOSCONI, Nicole (2000), "La mixité scolaire: socialisation différentielle ou éducation à l'égalité?", in *Coeducar para uma sociedade inclusiva. Actas do Seminário Internacional*, Lisboa, CIDM.
- NUNES, Maria Teresa Alvarez (2009), *O feminino e o masculino nos materiais pedagógicos (in)visibilidades e (des)equilíbrios*, Lisboa, CIG.
- PINTO, Teresa (coord.) (2001), *A Profissão Docente e os desafios da Coeducação: perspectivas teóricas para práticas inovadoras* (coord.), Lisboa, CIDM.
- RAS, Marion E. P. de (1996), "Alice au pays des merveilles. Première conférence internationale sur les filles et les jeunes filles. Transitions et dilemmes", *Clio. Histoire, Femmes et Sociétés*, nº4, [em linha], disponível em <http://clio.revues.org/document.html?id=440.html> (consultado em 20/05/2004).
- RPJOMH (2006), *Perceber e saber do que falamos. Argumentário a favor da igualdade de género*, Lisboa.
- RPJOMH (2006), *Raparigas e rapazes nas associações juvenis: um guia para o mainstreaming de género*, Lisboa.
- VIEIRA, Cristina (2006), *É menino ou menina? Género e educação em contexto familiar*, Coimbra, Almedina.